



ÍNDIOS NA  
A VISÃO DOS ÍNDIOS

Nós Tupinambá



Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade  
Edição 2004 - Categoria Divulgação

Realização:



THYDEWAS

Patrocínio:

**Banco do  
Nordeste**



Ministério  
da Cultura



O povo da nação Tupinambá de Olivença é o verdadeiro autor deste livro. Os textos, as fotografias e a arte-finalização foram feitos pelos próprios índios.

THYDEWAS quer registrar seu sincero agradecimento a todo o povo da nação Tupinambá de Olivença, especialmente a: Jamopoty (Cacique), Yakuy, Amotara, Antônio (Murici), Genilson (Oiti), Mucunã, Arão, Léo, Lorena, Everaldo, Mboessara, Jaborandy e família, Chis, Jaguatey, Dona Maria, Seu Candido, Gringo, Wellington, Vanda, Josa, Ana, Carol, Sandra e Leli.

Agradecemos também à Prefeitura de Camaçari, especialmente Ivanildo Antônio (Secretário de Cultura de Camaçari), Edmilson Vieira e Marisa Vianna; bem como a Jussara (UESC), Manuela Damasceno e à REDE ÍNDIOS ON-LINE.

Através do programa BNB de Cultura, do Banco do Nordeste, realizamos este livro com tiragem de 1.000 exemplares. Recebemos apoio do Ministério da Cultura, através de seu programa Cultura Viva, que nos permitiu realizar oficinas com tecnologia digital dentro das Comunidades.

Projeto Educativo Sociocultural: ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

Realização: THYDEWAS

Idéia e Coordenação: Sebastián Gerlic

Coordenação da Campanha 2008: Ivana Cardoso (Potyra Tê), Sebastián Gerlic, Yakuy Tupinambá e Jaborandy Yandê Tupinambá

Assessoria de Imprensa: Lilian Calmon

Livro: "Nós Tupinambá"

Editor: Sebastián Gerlic

Projeto Gráfico e Editoração: Anápuáka Pataxó-Hã-hã-hãe (Erick Muniz)

Facilitadores das Oficinas: Ivana Cardoso (Potyra Tê) e Jaborandy Yandê Tupinambá

Consultoria: Derval Cardoso Gramacho

Ficha Catalográfica  
(Elaborada por Rosane Rubim CRB5/685)



N897      Nós Tupinambá. / Textos e Fotos da comunidade Indígena Tupinambá de Olivença; edição Sebastián Gerlic. \_Maceió, 2008. 60p. (Índios na visão dos índios)

Apoio BNB, Ministério da Cultura

1. Índios 2. Índios Tupinambá. I. Série

CDU: 572:(=1-82)

# Pacto com a Natureza

Desde criança ouvia sempre meus pais falarem da nossa relação com a Terra onde vivíamos. A orientação passada era que nunca fosse desfeito o "pacto" do Homem com a Natureza, ou seja, jamais fosse vendido ou trocado como mercadoria aquilo que nos foi licenciado por Tupã para nós indígenas viver. Porque haveria uma época em que tudo poderia se tornar escasso, porque existiam pessoas que se relacionavam entre si e com a Mãe Natureza de forma diferente da nossa, sem saber a importância da Vida.

Hoje, mesmo sofrendo pressões por todos os lados para nos desfazer do pouco que ainda nos resta, ilhados por empresários da área de turismo, continuamos resistindo.

Fomos impedidos de nos banharmos na única água que possuímos adequada, impedidos de passar por um caminho que já existia há séculos, acusados injustamente de poluirmos o ambiente e, sempre, pressionados para vender.

O cantinho em que vivemos, denominado de Lagoa Mabaça, serve hoje de abrigo para os nossos parentes que perderam tudo através das práticas utilizadas por uma cultura mercenária, que rouba tudo aquilo que não lhes pertence.

Nossas dificuldades são muitas, mas aqui ainda possuímos o manguezal, o braço de mar, e o mar para retirarmos o nosso sustento. No pouco de Terra que nos resta plantamos mandioca e criamos aves. Um ovo aqui, alimenta dez pessoas, porque partilhamos. Somos um corpo, não nos dividimos, fazemos parte um do outro.

# Antigamente

Quando eu tinha uns oito anos, Olivença era uma aldeia e só tinha casa de palha e de taipa e vivia todo mundo em comum, em união. Se um tinha todos tinham. Todos tinham sua pequena roça e sua casinha.

Quando era dia de sábado chegavam todos os índios e segunda-feira todos iam para a roça para fazer farinha, plantar mandioca, plantar feijão, plantar abacaxi, plantar melancia, caçar, pescar, todos viviam desse jeito e todos tinham alimentos, ninguém passava necessidade. No sábado e domingo era dia de ir pescar na praia, ir para o mangue. Botavam linha de peixe para pegar cação, arraiá, lagosta. Todos viviam bem e hoje vivemos assim, passando necessidade pois não temos a terra. Pois se tiver a Terra todos botam sua roça, todos vão ajudar um ao outro.



ADANGISA



MARIA  
ROBERTA



JUDITE



## “Revolta do Cabloco Marcelino”

Marcelino era nosso cacique e não queria que seu povo fugisse e saísse de Olivença e entregasse sua Terra, mas com a chegada dos não-índios, os coronéis foram expulsando os índios de Olivença.

Quando chegava alguém de fora colocava logo uma venda, aí os índios iam comprando, comprando e quando chegava uma certa quantia, eles falavam bote seu dedo aqui. Isso era uma letra, e uma letra naquele tempo tinha muito valor, e como o índio não sabia ler não sabia nada, aí eles diziam: Não posso mais vender para você não, só se você me entregar o seu lugar. E como era todo mundo de casa de palha, todo mundo foi saindo e entregando o seu lugar.

Marcelino nessa época morava na roça e quando ele soube que estava acontecendo isso veio e disse que não queria saber de branco dentro de Olivença, aí quando ele veio para colocar os brancos para fora eles mandaram buscar 72 soldados da Polícia Militar, e naquele tempo os soldados eram mais carneiros do que hoje, matavam mesmo, aí eles foram chegando, colocando Marcelino para fora, atirando nele, não só nele mais nos outros também.

O Massacre do Cururupe foi em 1926 e foi porque estavam invadindo demais as nossas terras e Marcelino queria nos defender. Ele sabia que tinha que impedir a construção da ponte sobre o Rio Cururupe. Ele sabia que uma ponte facilitaria a expansão dos brancos sobre as terras indígenas. Teve muito tiroteio... isso por parte da polícia, pois os índios só usavam mesmo arco e flecha, pois eles eram muito bons no arco e flecha, eles não usavam arma de fogo. Brigou muito, mas não adiantou, pois os brancos venceram e acabaram construindo a ponte, não esta que existe hoje, mas uma ponte de madeira.

Eu tive um tio, Antônio da Margem, que atiraram nele na minha vista. Eu tinha uns sete anos, lembro que arrancaram a unha dele para que ele dissesse onde estava Marcelino, mas ele não sabia. E Marcelino tinha corrido e se escondido na Serra das Trepes. Essa serra chama Serra das Trepes, pois parece uma trepe. E Marcelino ficou debaixo da pedra. E quando ele foi se entregar ele só se entregou porque já tinham atirado muito nele.

Aí ele se entregou falando assim: “Eu me chamo Marcelino José Alves, passei cinco anos debaixo de uma pedra fria comendo peixe assado sem sal e sem farinha. Hoje eu me entrego, mas não por mim, pois eu podia morrer e vocês me enterrarem, mas por causa do meu povo. Eu vou me entregar para o meu povo não sofrer como está sofrendo. Aí ele se entregou e ninguém sabe o que fizeram com ele, se mataram, se jogaram no mar.

Hoje a gente vê que tem o direito e antigamente a gente tinha o direito e não sabia. Nós estamos lutando pela nossa terra, pois temos direito à Terra. Antigamente ninguém passava fome, pois todo mundo dividia o que tinha um com o outro. Lembro ver 4 ou 5 jangadas ir para alto mar pescar e pegavam muito peixe e daí dava para todos.

Antigamente a gente vivia feliz dentro de Olivença, vivia em paz. A gente ia lavar roupa na fonte, deixava a roupa toda estendidinha lá e no outro dia a roupa estava alvinha. Hoje não se pode deixar uma peça de roupa na fonte porque roubam. Não pode dormir com a janela aberta porque entra ladrão. Tem o problema das drogas que a gente vive sobressaltado por causa disso. Antigamente ninguém usava droga. Hoje a gente tem sofá, tem geladeira, tem televisão mas não tem sossego, por isso que antigamente era melhor, pois a gente tinha sossego.

Nós indígenas somos diferentes. Somos iguais em corpo humano, mas diferentes, pois temos os nossos rituais, temos nossa pintura, o nosso traje, nosso Porancin (cantos e danças sagrados), por isso somos diferenciados. Isso precisa ser ensinado às nossa crianças. Você vê a semente. A semente tem um valor, a semente tem uma vida. A semente é a vida de todas as crianças. A nossa pintura. A nossa pintura é um remédio p'ra nosso sangue. Para os índios tudo tem um significado. O nosso ritual é para dar força. Nós devemos dar mais valor à nossa cultura e à nossa medicina tradicional. Quando nós tivermos a nossa terra as coisas vão melhorar muito.

Meu pai foi quem criou a gente. Lutava, caçava p'ra gente. Naquela época tinha muita caça do mato. Ia para o mato caçar e matava pacu, paca, cutia, tamanduá, sariguê, tudo era alimentação que o véio botava em casa. Agora não tem mais nada, nem pacu, nem cutia, nem rabo de couro, nem anta, não tem mais nada disso, nem preguiça, que tinha bastante, não existe mais. Hoje você não vê mais nada disso. Não vê nem quati.

Hoje, o que é difícil é a terra da gente para a gente trabalhar. Porque naquele tempo era tudo liberado e hoje em dia estão com o branco. Hoje em dia a gente não pode nem entrar nessa mata aí... Se a gente entrar aí eles dizem: "Tá fazendo o que dentro da minha mata, querendo me roubar?" Quando o ricão vê a gente pintado, julga, fica mangando, chama de surubi. Por tudo isso tem muitos índios que não quer ser mais.

Eu acho o índio muito inteligente. Toma banho de porco, banho de jibóia que é contra veneno para cobras brabas. Eu mesmo sempre tenho aí. A cobra pode bater a boca aqui que tá sarado. De cobra não morro não.

Eu sonho com uma vida melhor, uma terra demarcada para a gente fazer nossas casas, trabalhar, criar sem pedir a ninguém, é isso que a gente quer, ter liberdade, sua terrinha para plantar mandioca, plantar banana, plantar suas verduras para suprir todo mundo.

Zé das Neves (57anos)

# Liberdade



# HISTÓRIA NA VISÃO DOS ÍNDIOS

Éramos várias Nações de etnias diferentes (estima-se mais de mil). Habitávamos este território, hoje chamado de Brasil, onde cada povo tinha sua cultura e tradição. Éramos milhões de indivíduos povoando esta terra.

Então surgiram, no horizonte, embarcações cheias de figuras estranhas, jamais vistas pelos nossos antepassados: homens vestidos espalhafatosamente, com o corpo todo coberto - inadequados ao clima local -, com uma fala esquisita, incompreensível aos ouvidos. Desembarcaram e, sem pedir licença, pisaram em nossas terras e nossos lares.

Estes invasores trouxeram paus-de-fogo, micróbios letais e uma cultura incabível na nossa realidade. Assim, Nações inteiras foram dizimadas: milhares de pessoas mortas - o maior genocídio cometido em todos os tempos. As nossas riquezas naturais foram roubadas, eram elas pedras preciosas, nossa fauna e nossa flora. Os invasores passaram a ser detentores de tudo que possuíamos. Ainda hoje usufruem do que retiraram do nosso solo sagrado.

Essas pessoas, até então desconhecidas, queimaram as nossas habitações, violaram os locais sagrados, destruíram as plantações, estupraram as mulheres e mataram todos aqueles que não se submeteram às suas ordens. Uma barbárie foi implantada pelos gananciosos que violaram nosso direito original. Soldados desses invasores recebiam soldos por retirarem a maior quantidade de testículos dos homens. Os mais resistentes fugiram floresta adentro, os capturados foram submetidos ao regime de escravidão e proibidos de exercerem a liberdade de expressão (cultura e tradição). Várias línguas se perderam ao longo do tempo, através dessas medidas proibitórias. Os que não puderam fugir tiveram seus hábitos modificados à força, foram submetidos a práticas

alheias, tiveram de modificar os seus hábitos alimentares, a forma de se vestir, a linguagem e as crenças; sendo, desta maneira, imposta a miscigenação.

Fazia parte da cultura dos invasores, os chamados por nós "homens brancos", a escrita e instrumentos poderosos capazes de fazer tombar vários corpos sem vida ao chão. Essa condição proporcionou-lhes vantagens para que se tornassem "vitoriosos". Éramos vistos como seres humanos selvagens, como animais encarnados à forma humana (visão preconceituosa ainda existente na sociedade em que vivemos).

Séculos se passaram e ainda lutamos! Resistimos contra todas as práticas de violação dos direitos humanos, sofridas até hoje. Guardamos em nossas entranhas os nossos segredos, os nossos hábitos e crenças; em nossos genes continua guardado o espírito de sobrevivência. Ainda lutamos para termos direito de continuar a vida, retomar nossos territórios, resgatar, através dos nossos velhos, nossa verdadeira identidade. Ainda somos discriminados, descaracterizados e ridicularizados pelos nossos costumes, nossos valores. Preservamos a Mãe Natureza e amamos tudo que existe, não possuímos a ganância, a vontade de acumular bens enquanto os outros vivem na miséria. Acreditamos nos espíritos dos nossos antepassados, na nossa medicina natural, cantamos e dançamos para reverenciar e agradecer ao nosso Deus por tudo que alcançamos. Para nós não existe o feio e o pobre, nem o pior. O que nos indigna é o mal impregnado que destrói tudo e todos: estão destruindo o planeta, conseqüentemente a vida de todos, não conseguem parar porque o orgulho que possuem não permite enxergar a verdadeira essência, são robôs-humanos, teleguiados para autodestruição. Não podemos mais caçar, pescar, e nem plantar, porque os herdeiros das Nações hipócritas e gananciosas continuam praticando o extermínio, através da sua cultura "progressista". Eles podem tudo, nós não podemos nem mesmo ter o direito de continuar vivendo.

Nós acreditamos que, apesar das diferenças, o ser humano compõe uma única raça, portanto somos todos diferentes e ao mesmo tempo todos iguais. O que queremos é que essa igualdade vista por nós, seja vista por todos: queremos igualdade social e respeito.

No entanto, representamos uma ameaça ao mundo dito

“civilizado”, somos os primitivos, os selvagens, o feio, o esquisito, porque não nos rendemos e respeitamos a nossa cultura, fazendo com que esta prevaleça entre nós. Ainda não tomaram tudo que possuímos e não irão conseguir, porque possuímos um bem maior: a dignidade.

Entre as nações indígenas existem as mais variadas formas de organização social, política, e econômica. Cada etnia ou cada comunidade tem sua própria regra de convivência, de como se relacionar com o meio existente. Apesar das nossas diferenças, todas as nações indígenas têm pontos em comum: O convívio harmonioso com a Mãe Natureza; o desapego aos bens materiais; a vontade de continuar nossas tradições; a coletividade; a igualdade; a solidariedade; o respeito e o amor ao próximo.

O convívio com a Mãe Natureza demonstra a relação do homem com o todo, servindo de guia para o desenvolvimento das atividades exercidas de cada grupo. Nossa economia é baseada na agricultura familiar, tudo o que plantamos e colhemos é para nossa subsistência. Possuímos nosso próprio calendário baseado nas fases lunar. Nossos hábitos alimentares são baseados no cultivo das leguminosas, raízes (tubérculos), folhas e frutos, caça e pesca - sem transformá-los em mercadorias. Com a chegada do “homem branco” nossos hábitos começaram a ser modificados, pois a implantação de outros cultivos e a escassez provocada pela devastação vem causando a destruição do meio ambiente.



A nossa culinária se faz presente nas mesas da maioria dos brasileiros no uso da farinha de mandioca, do beiju de tapioca, da farinha de puba, do milho, do amendoim, da batata etc. O conhecimento da matéria-prima, adquirido da sabedoria do nosso povo, é utilizado pelas grandes indústrias farmacêutica e cosmética, dessa forma, os nossos conhecimentos relacionados com a medicina natural têm hoje uma importância para toda humanidade.

Porém, muitos destes conhecimentos são retirados de forma violenta e patenteados por essas indústrias.

Nossa forma de organização social também varia de acordo com cada Nação. Não necessariamente todos possuem um chefe (Cacique), nem Ocas ou Malocas, em forma de círculo. Hoje, devido às violências sofridas, principalmente entre as Nações que estão em contato, há 507 anos, com outras civilizações, as quais tomaram todo o nosso território para torná-lo um objeto de poder econômico e financeiro, nossas habitações tradicionais não são mais encontradas em todas as Aldeias. Ao visitar uma aldeia, é possível se deparar com uma realidade no mínimo desoladora, além da desestruturação de nossas famílias, somos obrigados a viver distantes um dos outros, em habitações inadequadas, às vezes, com cobertura de plástico ofertado por alguém. Outros Povos são confinados em Parques e Reservas (delimitados) onde são transformados em objeto de admiração para o bel prazer de grupos formados a partir das mais variadas necessidades: ou de exploração, ou curiosidade, ou como material de pesquisa. Mercê das políticas implantadas pela cultura do “homem branco”, que não atendem nossas necessidades reais, somos obrigados a nos adequar a uma realidade que não faz parte do nosso contexto. Acreditamos que tudo deve seguir seu curso natural de evolução.

Atualmente, somos subjugados através das leis que regem interesses mercantilistas de um sistema perverso. Desde pequenos, nós indígenas somos orientados a participar de todas as atividades implantadas de acordo com as necessidades de cada grupo. Todas as fases evolutivas do SER são respeitadas.

Aprendemos a importância colaborativa de participar de cada processo criado para dar continuidade à nossa existência e das futuras gerações. Os ensinamentos são hereditários, ou seja, passados de pais para filhos. Todos possuem responsabilidades quanto à condução de nossas estratégias de sobrevivência coletiva. Não há interesses individuais. Existe sim, uma preocupação com o bem-estar de todos.

Nossas crenças espirituais são baseadas na comunicação entre os espíritos dos nossos

antepassados, entre o Criador e a Mãe Natureza (sol, lua, estrelas, trovões, relâmpagos, chuva, terra, fogo, água, florestas etc.). Cantamos e dançamos reverenciando todos os elementos naturais que nos cercam - forma utilizada para agradecer tudo que possuímos.

Entendemos que nosso direito de continuar participando deste grande projeto natural está relacionado com a forma de interagirmos com o meio. Se cuidarmos e preservarmos, agradeceremos tudo que nos é ofertado continuaremos com o direito de ter nossa própria vida.

Vivemos um equívoco criado por outras civilizações, o qual nos toma como selvagens, sem alma, sem sabedoria, sem capacidade de conduzir nossas diretrizes de vida. Fomos mistificados. Além da nossa sabedoria milenar, hoje, por meio da nossa presença em universidades, faculdades e escolas de nível fundamental e médio, buscando informações necessárias para continuarmos lutando pelos nossos direitos, mostramos também que somos capazes de adequar os conhecimentos de outras culturas.

O contato com a cultura do "homem branco" nos tem causado prejuízos irreparáveis. Atualmente, em várias comunidades existem problemas causados pelo alcoolismo, drogas, "catequização", capitalismo, corrupção, destruição da fauna e flora, isolamento, mistificação, diminuição ou perda total do território, fome e miséria.

Foi implantado um mito: o de que somos preguiçosos, ladrões de terras e selvagens. Tudo isso com o objetivo de nos afastar cada vez mais da humanidade como um todo, com a única intenção de nos integrar à sociedade "civilizada", a sociedade "pseudo-européia", tirando de uma vez por todas o pouco do nosso território que ainda nos resta. E para aqueles que perderam tudo, tirando a possibilidade de recuperar o que foi roubado.

Sabemos da existência de pessoas que, apesar de a cultura ser diferente da nossa, tem a compreensão de que temos o direito de continuar vivendo em nosso território de origem e que temos muito para contribuir com a humanidade.

Atualmente, nos bastidores do governo existem pilhas de processos demarcatórios engavetados bem como o Estatuto dos Povos Indígenas. Ao contrário de resolver nossas pendências, até como forma de reparação (palavra cujo uso está em moda e que infelizmente ainda não fomos inseridos nesse uso), os legisladores dão preferência à formulação e criação de mecanismos, emendas e decretos que favorecem a permanência dos fazendeiros latifundiários em nosso solo sagrado para a implantação do agronegócio, mais uma forma criada para se ganhar mais através da destruição do solo, do desmatamento, transformando em deserto o que antes servia de abrigo para a biodiversidade.

YAKUY



Nós Tupinambá nos identificamos através de nossa cultura.

Não temos vergonha alguma de andar pintados com os traços específicos de nosso povo, com colares de sementes nativas, brincos de penas de várias espécies de aves, e alargadores (usados para alargar o lóbulo da orelha) de diferentes madeiras, como: patí, buri, tucum e bambu. Temos nosso maracá, que é o instrumento usado desde os nossos antepassados, e que até hoje fazemos o uso de modo praticamente igual. Nós Tupinambá preservamos e valorizamos muito nossa identidade.

Embora a cultura se modifique constantemente, a nossa identidade étnica é mantida. Nós conhecemos nossa história e nossa origem. Por exemplo, nossos antepassados andavam pintados e com algumas vestimentas feitas de penas. Hoje nossas vestimentas são de embira e taboa (plantas fibrosas) e só usamos as nossas vestes tradicionais em rituais e momentos especiais de união com o nosso povo. Então, não é certo afirmar que um povo perde sua identidade, e sim, que esta se transforma ao longo dos tempos, a evolução vem para todos os povos. Por que só para nós indígenas que ela não pode acontecer? Mas aconteceu e está transparente por todo o nosso País. A cultura se transforma, mas nós continuamos pertencendo ao nosso povo de origem.

# Ser Tupinambá

A cultura é o modo de viver de um povo, o modo de fazer, de se adaptar ao ambiente. É na cultura também que se expressa a relação das pessoas com o sobrenatural, através da crença e dos rituais próprios. Nós Tupinambá temos o Porancin (ritual com cantos e danças sagradas); nossa forma de celebrar a vida, a natureza, os antepassados, e de fortalecermos com a nossa união na busca da garantia dos nossos direitos.

Jaborandy Yandê



Nós aqui na aldeia fazemos muitos artesanatos. Trabalhamos com sementes de açaí, com o coco, lágrima de conta, semente do Pau Brasil, semente olho de cabra, semente da cucumã, que serve para mau olhado e para proteger. Usamos ainda a semente flamenguista e o feijão da praia.

Usamos muitas penas para fazer brincos, mas só pegamos as penas na época da muda. Muitas pessoas perguntam se a gente mata as aves para pegar as penas, aí explicamos que só pegamos quando elas estão na muda.

Tem ainda o nosso maracá que é feito do coco anão.

Nas nossas matas temos muitas sementes. Plantamos também algumas mudas das sementes que nós não temos.

As pessoas quando vêm o nosso trabalho valorizam bastante, gostam de ver nosso trabalho feito com coisas naturais.

Hoje eu passo meu conhecimento para meus filhos. Digo para eles que eu não vou ficar o tempo todo vivo. Eu ensino para os outros parentes também, todos os que têm interesse a gente ensina.

Hoje nós somos mais reconhecidos, antes não tínhamos nenhum valor para a sociedade. Muitas vezes as pessoas perguntavam se podiam tocar na gente. Graças a Tupã, hoje nós somos reconhecidos, muitos reconhecem nossos trabalhos e vêm conhecer o nosso local, a nossa aldeia, e sempre nos dizem que nós vivemos em um paraíso.

# Sementes de vida

*Curimã*



**Tupinambá = Povo mais perto de Tupã**



**Tupinambá = Povo em Pé**

Passados 508 anos de invasão e espoliação de nosso Território Sagrado, nós Povo Tupinambá, habitantes da Região Sul da Bahia – Ilhéus, Una, Baruaema e São José da Vitória, resistimos, mantemos viva nossa cultura, mesmo depois de todas as práticas violentas que ferem os Direitos Humanos.

Forçaram-nos a perder nossa língua, desestruturaram nossas famílias e nos deixaram, por décadas e décadas, sem rosto e sem voz.

Século XXI, ainda sobre ameaças, continuamos aguardando um Parecer do Estado favorável à devolução do nosso território a fim de reparar um equívoco, devolvendo as terras que nos foram roubadas.

Hoje somos obrigados a RETOMAR áreas daqueles que se dizem “donos” e negam uma história que banhou de sangue nossas águas e o nosso solo sagrado, matando, estuprando e escravizando-nos.

O genocídio e etnocídio mancham o coração e a alma dos povos originários desta grande nação chamada Brasil.

As retomadas para nós é uma forma de chamar a atenção, não só do Estado, bem como de toda sociedade civil brasileira e internacional, para a necessidade de manter vivos os Povos da Floresta. Nós estamos sendo destruídos assim como a Mãe Natureza. É preciso demarcar o pouco que ainda nos resta, para vivermos nossa cultura e tradição, vivermos com dignidade, cumprindo com o nosso dever de cuidar da Mãe Natureza para as futuras gerações.

Yakuy

**3R = Resistência, Resgate e Retomada**

## Por que **TERRA** para o Índio?

É na **TERRA** que vivemos, é nela que construímos nossa identidade, que nos firmamos como Povo. Sem a **TERRA** não somos nada, não podemos expandir nossas culturas e tradições.

Nossos sustentos para o corpo e para o espírito se encontram na Mãe Natureza.

Nossa obrigação é cuidar dela para as futuras gerações, por isso não nos sentimos proprietários, não delimitamos áreas e nem a transformamos em mercadoria, retirando toda sua força, espoliando-a.

Sua **MORTE** é também, a nossa. O Homem faz parte do Universo, e não é dono dele!

Retiramos da **TERRA** apenas o suficiente para o sustento de nossas famílias. Acreditamos que não precisamos de muito para viver, pois estar aqui é uma passagem.

Antes de chegar até nós o Estado-Poder, este que demarca tudo, delimitando territórios, que roubou o nosso maior bem: a liberdade de ir e vir.

Antes não havia fome e nem miséria, não se morria por desnutrição, ou inanição, e nem existia tantas doenças.

Tudo que precisamos a **MÃE TERRA** nos serve, por isso pedimos a **DEVOLUÇÃO** do nosso bem mais precioso!

Yakuy Tupinambá

Durante um ano a gente espera a piaçava carregar, quando ela carrega sobe no pé e tira com o facão. Leva a piaçava para casa e as mulheres ajudam a limpá-la e depois os homens a enrolam.

Eu moro hoje na retomada Chapéu de Couro junto com mais quatro pessoas. A participação dos jovens no movimento indígena é muito importante. Os mais velhos começam a retomada e os jovens dão continuidade.

A vida nessa retomada é bastante difícil, pois às vezes faltam alimentos, então a gente precisa sair para caçar, por outro lado é muito boa, pois a gente trabalha com união. Nós fazemos roças coletivas e na época da colheita dividimos entre nós.

Para sair daqui para Olivença é muito difícil. Se for a pé gastamos quase um dia todo para chegar.

Se uma pessoa adoecer aqui e o carro da FUNASA demorar a pessoa morre. Aqui não funciona celular, nem tem rádio, nós não temos comunicação nenhuma.

Nós precisamos reconquistar nossas terras porque precisamos de espaço para trabalhar, para ter como se alimentar. Eu quero que meu povo fique mais unido, porque assim a questão da terra seria resolvida mais rápido.

Nós temos que respeitar os idosos, pois eles trazem muitos conhecimentos para a gente. Nós precisamos ajudar eles a nos repassar mais as coisas. Devemos cultivar a nossa cultura.



# Trabalho na piaçava

Sapoti



# Terra para viver em paz

Em Fevereiro de 2002, nós, os Tupinambá, fomos reconhecidos oficialmente.

Vivemos hoje organizados em 22 comunidades e mais uma outra comunidade, a Serra do Padeiro, que tem seu próprio cacique. Todos juntos lutamos pela demarcação de um território único.

A situação dos Tupinambá desde 2002 p'ra cá piorou. Nossos jovens estão cada vez mais saindo da aldeia e indo para as cidades achando que lá vão viver melhor, porque nós cá não temos nenhuma terra oficialmente demarcada para nós.

Nós lutamos para que essa demarcação aconteça rápido, porque com ela vai melhorar a condição de vida de todas as famílias Tupinambá, tanto as que têm seu pedacinho de terra como as que não têm nada.



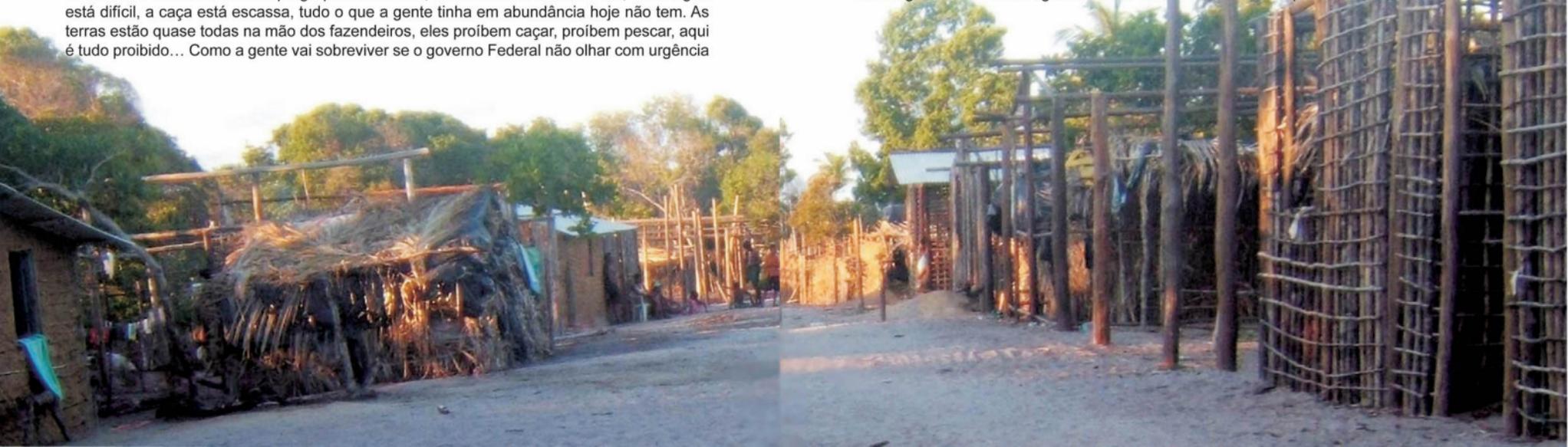
Cacique Jamopoty

Depois de muitos anos de reivindicações nós nos vimos forçados a fazer nossa primeira “retomada” de terra (2006) mas, tivemos que sair obrigados pelo governo federal, governo que não olha para nós. Nós não estamos pedindo o Brasil todo não, nós só queremos nosso pedacinho para que a gente possa viver em paz, ter a nossas roças e as crianças possam estudar e ter saúde.

Nós nos vimos outra vez forçados a fazer novas retomadas. Agora, nós estamos aqui, na Aldeia Itapuã torcendo para que tudo dê certo, mas já em relação às outras retomadas o governo já deu outra vez reintegração de posse para os fazendeiros. O governo federal tem que olhar mais para esta questão da demarcação da terra, porque demarcou a terra, desintrusou, fez tudo legal, os índios vão se virar, vão trabalhar e vão deixar de ficar pedindo. É muito humilhante chegar na FUNAI (Fundação Nacional do Índio), precisando de um transporte ou de um material agrícola e quando consegue alguma coisa é só um pouquinho para dividir entre 6.300 índios. Imaginem 100 cestas básicas para dividir entre tanta gente. É difícil sobreviver dentro de nosso território, pois está todo invadido por fazendeiros e os fazendeiros não dão mais emprego para os índios, eles estão só desmatando, daí a água está difícil, a caça está escassa, tudo o que a gente tinha em abundância hoje não tem. As terras estão quase todas na mão dos fazendeiros, eles proibem caçar, proibem pescar, aqui é tudo proibido... Como a gente vai sobreviver se o governo Federal não olhar com urgência

para nós? Nossos jovens vão saindo cada vez mais, vão para as periferias viver de quê? se não tem uma escolaridade boa? Temos que evitar isso. Nossos jovens têm que ficar dentro da aldeia ou só sair para estudar, fazer um curso ou uma faculdade e depois voltar para a aldeia e trazer tudo de bom. Desde 1999 nós brigamos com o governo para que demarque esta terra, mas o relatório dela nem saiu da primeira fase.

O povo Tupinambá precisa de unir mais, e quem faz a união é o próprio povo, eu sou só uma incentivadora. Unidos nós temos que começar a pressionar a FUNAI para que assine o nosso relatório, pois nosso relatório está pronto, com mapa e tudo, o que falta são pequenas coisas, é preciso que venha p'ra cá um antropólogo para fazer estes reajustes, para que o presidente da FUNAI junto com o Ministério da Justiça assine o relatório e declare aqui Terra Indígena, aí a coisa começa a caminhar. Aqui tem muita terra abandonada, muito fazendeiro querendo negociar e a FUNAI fazendo corpo mole. Todas sabem que nossa terra está toda invadida por hotéis, pousadas, por casa de prefeitos, de governadores, de deputados. Há um tanto de outras terras que podem ser nossas, nós estamos sempre dispostos a dialogar com o governo e temos urgência de ter uma terra demarcada para nós vivermos.



Nossa saúde deveria ser maravilhosa porque o Ministério da Saúde repassa muito recurso para a FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) e para a Secretaria da Saúde, mas infelizmente a nossa saúde está ruim. Isso porque tem muita gente mandando e não dá certo. O recurso vai para a FUNASA e ela deve fazer uma saúde de qualidade. Nós temos só duas equipes, não temos transporte, os carros estão todos sucitados e quebrados, os motoristas todos desanimados para trabalhar, que são os motoristas antigos da FUNASA antiga, cansados, já bom de encostar. Deveriam colocar gente nova para trabalhar, pessoas que queiram realmente trabalhar com comunidade indígena, que valorize mais esta questão.

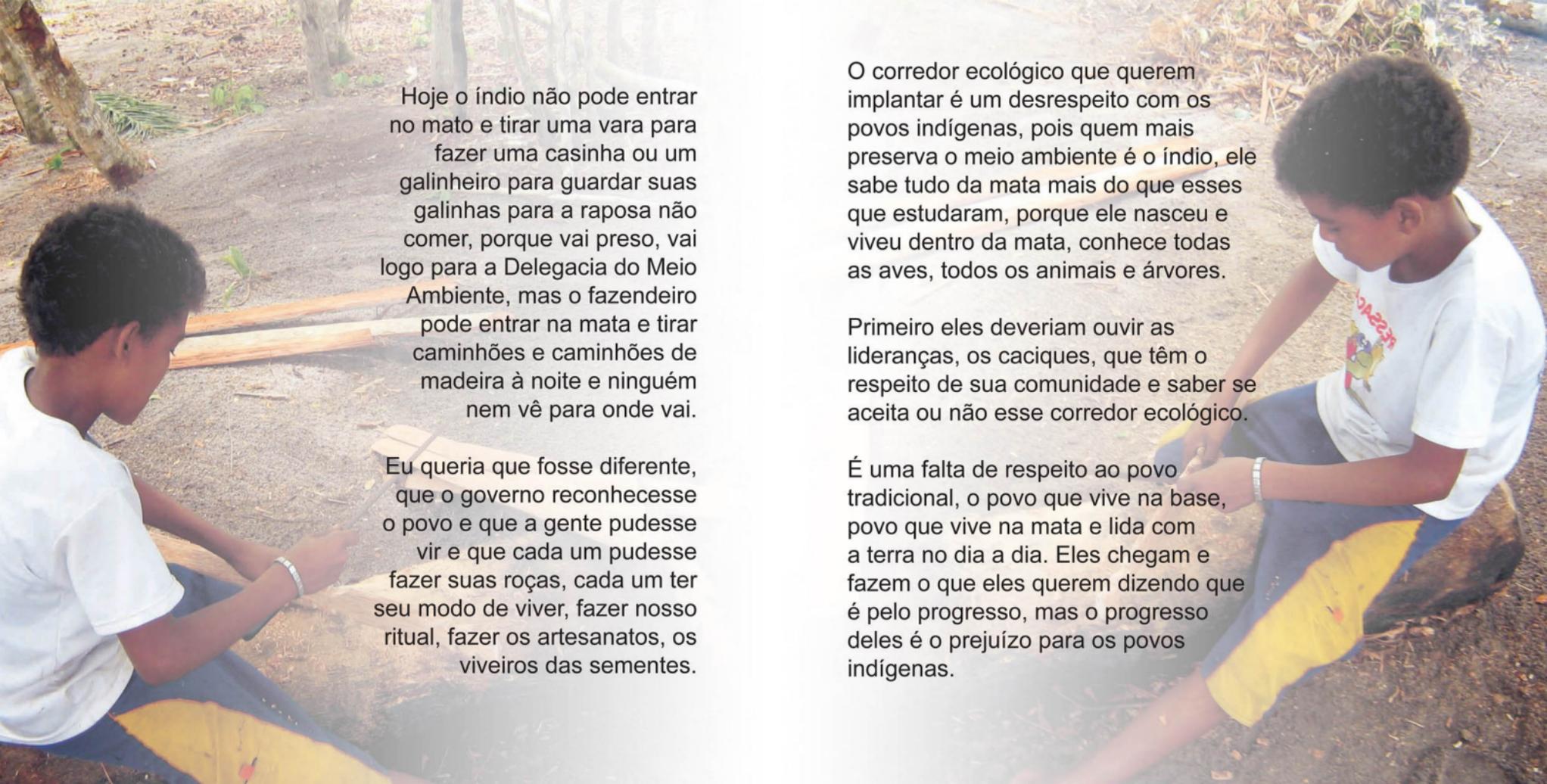
P'ra trabalhar com a gente tem que ser gente da gente, que entenda as nossas dificuldades. Nós não estamos tendo esta parceria. Eu lembro que, em 1999, a parceria da FUNASA era dando as mãos com os índios, mas agora ela vira as mãos. A FUNASA esta brincando de fazer saúde. Está brincando com o povo indígena. De 99 para cá nós perdemos muitos índios por falta de assistência da FUNASA, muitas crianças estão morrendo por falta de assistência da FUNASA, muitas gestantes também estão morrendo. Nós estamos enxergando a realidade e o governo também precisa olhar quem cá na ponta faz acontecer, pois quem faz acontecer é quem está cá na ponta perto da aldeia, e está fazendo uma má administração, não está usando bem o recurso público.

Nossos funerais seriam no valor de R\$ 600 e eles estão pagando R\$ 250. Coloca nossos parentes dentro do caixão e ele abre embaixo. Isso é uma falta de consideração, uma falta de respeito. Nossos remédios, se você tiver dinheiro você compra, se não, você não compra. Quando tem alguém passando mal liga para a FUNASA, não tem carro, não tem combustível, não tem motorista, então a situação está ficando pior aqui na ponta. Os recursos saem de Brasília, vão para Salvador e depois vem p'ra Ilhéus. É preciso olhar direitinho porque Ilhéus, que deveria cuidar da nossa saúde, está de mal a pior.



Somos 6.300 índios Tupinambá de Olivença  
Nossa área é de 42.000 km<sup>2</sup> = 7 leguas em quadro





Hoje o índio não pode entrar no mato e tirar uma vara para fazer uma casinha ou um galinheiro para guardar suas galinhas para a raposa não comer, porque vai preso, vai logo para a Delegacia do Meio Ambiente, mas o fazendeiro pode entrar na mata e tirar caminhões e caminhões de madeira à noite e ninguém nem vê para onde vai.

Eu queria que fosse diferente, que o governo reconhecesse o povo e que a gente pudesse vir e que cada um pudesse fazer suas roças, cada um ter seu modo de viver, fazer nosso ritual, fazer os artesanatos, os viveiros das sementes.

O corredor ecológico que querem implantar é um desrespeito com os povos indígenas, pois quem mais preserva o meio ambiente é o índio, ele sabe tudo da mata mais do que esses que estudaram, porque ele nasceu e viveu dentro da mata, conhece todas as aves, todos os animais e árvores.

Primeiro eles deveriam ouvir as lideranças, os caciques, que têm o respeito de sua comunidade e saber se aceita ou não esse corredor ecológico.

É uma falta de respeito ao povo tradicional, o povo que vive na base, povo que vive na mata e lida com a terra no dia a dia. Eles chegam e fazem o que eles querem dizendo que é pelo progresso, mas o progresso deles é o prejuízo para os povos indígenas.

# Aldeia Itapuã



Nós moramos na Aldeia Itapuã e gostamos muito de viver no silêncio da aldeia. Aqui nós fazemos um ritual muito importante que é o nosso Porancin, que é um orgulho para nós que somos índios.

Sempre nós saímos para fazer apresentações de nosso Porancin e para mostrar que antes de o Brasil ser “descoberto” os índios já habitavam este território.

Aqui na aldeia nós nos reunimos e construímos uma cabana coberta de maribu que serve para nos reunir e fazer apresentações. Nós que somos índios gostamos sempre de nos apresentar trajados com todos os nossos ornamentos que são a tanga, o cocar, os colares e a maraca.

Na nossa aldeia tem uma represa muito bonita. Quem vem em nossa aldeia se apaixona por nossa beleza.

Aqui nós moramos em casa de taipa, temos nosso colégio para a gente aprender nossa língua e temos a nossa Cacique Valdelice, que é uma guerreira.

Kuaracy (Sol), Ninhã (Coração) e Luciana

# Juventude Indígena

A verdade é que o Governo está pouco se importando com o que acontece conosco aqui dentro da aldeia. Eles estão lá no topo, dentro de seus escritórios cheios de computadores de última geração, cadeiras macias e ar-condicionado, enquanto aqui há cada vez mais adolescentes engravidando e ou entrando no mundo das drogas.

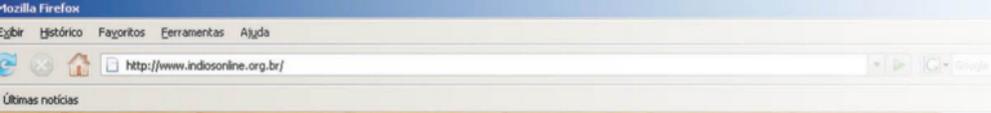
Gostaríamos de estar realizando mais oficinas e palestras sobre saúde, educação ambiental, educação sexual e cursos profissionalizantes.

Eu acho que ainda há muitas pessoas que pensam que nós índios vivemos nas cavernas.

Nós jovens indígenas não podemos nos calar, enquanto pudermos vamos mesmo “colocar a boca no trombone” e gritar pelos nossos direitos!



Muricy Tupinambá



## A TERRA NA VISÃO DOS JOVENS

Na aldeia Tupinambá de Olivença, nós, os jovens, somos os principais guerreiros dentro da aldeia. Sempre aconselhado pelos mais velhos, nós jovens fazemos a maior parte da articulação. Nossos velhos, quando preciso, nos dão uns puxões de orelha. Nosso principal objetivo é conseguir nossas terras de volta.

Como nós indígenas podemos viver sem nossa Mãe Terra? Não podemos! A terra é nosso sustento. O governo não está nem aí. Eles colocam as leis, mas são os primeiros a infringi-las. A lei diz que todo índio reconhecido pela FUNAI tem direito à terra. Hoje na aldeia Tupinambá existem mais de seis mil índios cadastrados pela FUNASA que estão sem terra, vivendo em condições precárias, porque além de não ter terra para se sustentar ninguém dá emprego para índios.

Nós estamos aqui para lutar pelo que é nosso, pelo que foi de nossos antepassados e foi tomado injustamente. Nós jovens queremos viver livres e preservar nossa cultura. Sofremos agressões verbais e físicas, ameaças e todo tipo de preconceito.

Antigamente os nossos antepassados lutavam com arco, flecha, zarabatana, lança, tacape, hoje a luta é diferente, usamos documentos, informação e o diálogo. O computador serve para isso tudo. Nós jovens fazemos a luta através dele e ainda temos um pouco de diversão com ele também.

Curupaty Abaeté  
curupaty@indiosonline.org.br

No dia 28 de setembro de 2007, por volta das 7 horas na noite, nós retomamos a aldeia Tucum, com cerca de 25 famílias, em torno de 100 pessoas. A área mede 14 mil metros quadrados e foi desapropriada ilegalmente pela prefeitura de Ilhéus na gestão do ex-prefeito Ariston Cardoso. Foi tirada de meu avô e dada para o clube de pesca de ilhéus. Trinta anos se passaram e o clube nada construiu, nada fez, daí nós fomos lá e retomamos. Retomamos também com a intenção de assim estar preservando o meio ambiente, proibir pescas ilegais que estavam acontecendo no local e preservando a vegetação litorânea que estava se extinguindo.



## Nós nunca saímos

Desde a época do nosso reconhecimento oficial (2002) eu via a saúde com muito entusiasmo. Eu via assim os parentes na aldeia querendo uma saída para diversas doenças que havia e no período de mais ou menos de oito anos para cá, alguns parentes até que se curavam com medicinas naturais. Procuravam mais a cura através dessas plantas. Um chá, um remédio, até mesmo para mulheres depois do parto. Então, sempre procurava plantas como aroeira. Depois que começou a entrar remédio químico, o remédio da farmácia, eu vi que muitos parentes deixaram de tomar aquele chazinho tradicional que sempre tem no fundo da casa: camomila, erva cidreira e outros chás que se toma para ajudar no dia-a-dia. Então, podemos dizer que algumas coisas tem melhorado, mas também tem um lado que piorou. Para alguns casos de emergência, os remédios trouxeram melhoras. Numa emergência, a pessoa ser levada na hora é bom, mas quando volta para a aldeia fica difícil fazer o tratamento, aí a pessoa pode ter uma recaída ali e vir até falecer.

Teve assim um atraso porque a gente está trabalhando no fortalecimento da nossa cultura, valorizar nossos conhecimentos, nossa sabedoria, e esse sistema novo que vinha aí, pouco se interessava e pouco se interessa pela nossa cultura.

Como nós não temos a terra demarcada isso inviabiliza também o processo de fortalecimento da cultura. Por causa da não demarcação a gente não pode ter um posto de saúde dentro da comunidade, para que justamente possamos fortalecer os remédios tradicionais, ter uma farmácia natural dentro da aldeia com orientações dos velhos que conhecem mais a prática de manusear esses remédios, as parteiras. Eu vejo que os velhos dentro da aldeia têm muito conhecimento da prática dos chás, das ervas, algumas madeiras, algumas árvores que servem para remédios, eu vejo que uma parte desses velhos ficou esquecida, alguns faleceram, e os que ficaram precisam do incentivo.

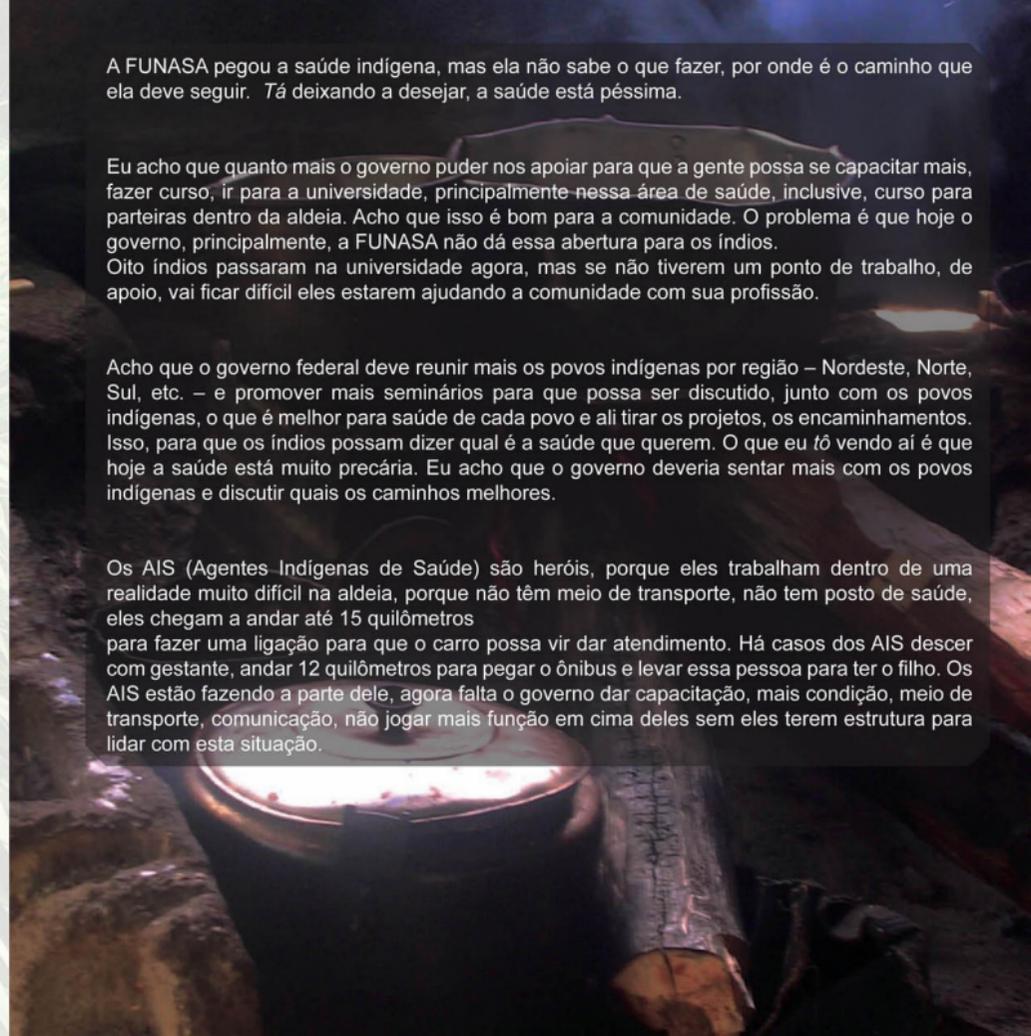
Desde quando teve o atendimento à saúde indígena aqui, logo no começo, a saúde não estava assim 100%, mas *tava* caminhando, *tava* boa, mas eu vejo que os profissionais da FUNASA não são comprometidos com a saúde indígena. A FUNASA, hoje, é um órgão onde a maioria dos funcionários são do quadro antigo, perto de se aposentar. Então, precisa ter um concurso público, precisa esse pessoal ser mais capacitado para poder *tá* trabalhando dentro da aldeia e ajudando mais a comunidade.

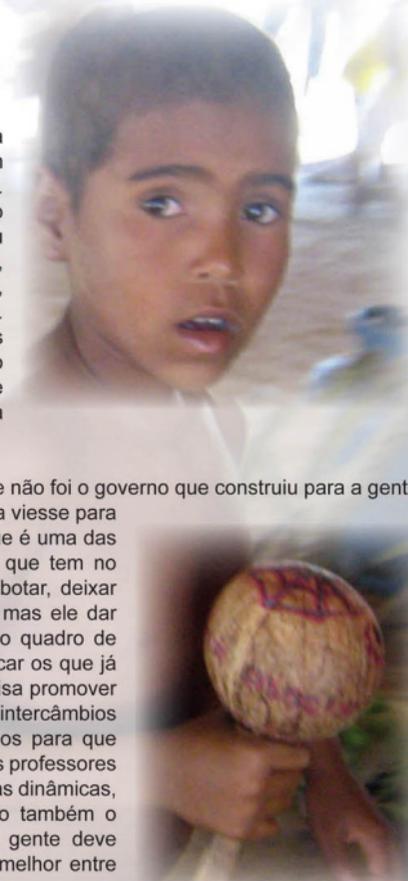
A FUNASA pegou a saúde indígena, mas ela não sabe o que fazer, por onde é o caminho que ela deve seguir. *Tá* deixando a desejar, a saúde está péssima.

Eu acho que quanto mais o governo puder nos apoiar para que a gente possa se capacitar mais, fazer curso, ir para a universidade, principalmente nessa área de saúde, inclusive, curso para parteiras dentro da aldeia. Acho que isso é bom para a comunidade. O problema é que hoje o governo, principalmente, a FUNASA não dá essa abertura para os índios. Oito índios passaram na universidade agora, mas se não tiverem um ponto de trabalho, de apoio, vai ficar difícil eles estarem ajudando a comunidade com sua profissão.

Acho que o governo federal deve reunir mais os povos indígenas por região – Nordeste, Norte, Sul, etc. – e promover mais seminários para que possa ser discutido, junto com os povos indígenas, o que é melhor para saúde de cada povo e ali tirar os projetos, os encaminhamentos. Isso, para que os índios possam dizer qual é a saúde que querem. O que eu *tô* vendo aí é que hoje a saúde está muito precária. Eu acho que o governo deveria sentar mais com os povos indígenas e discutir quais os caminhos melhores.

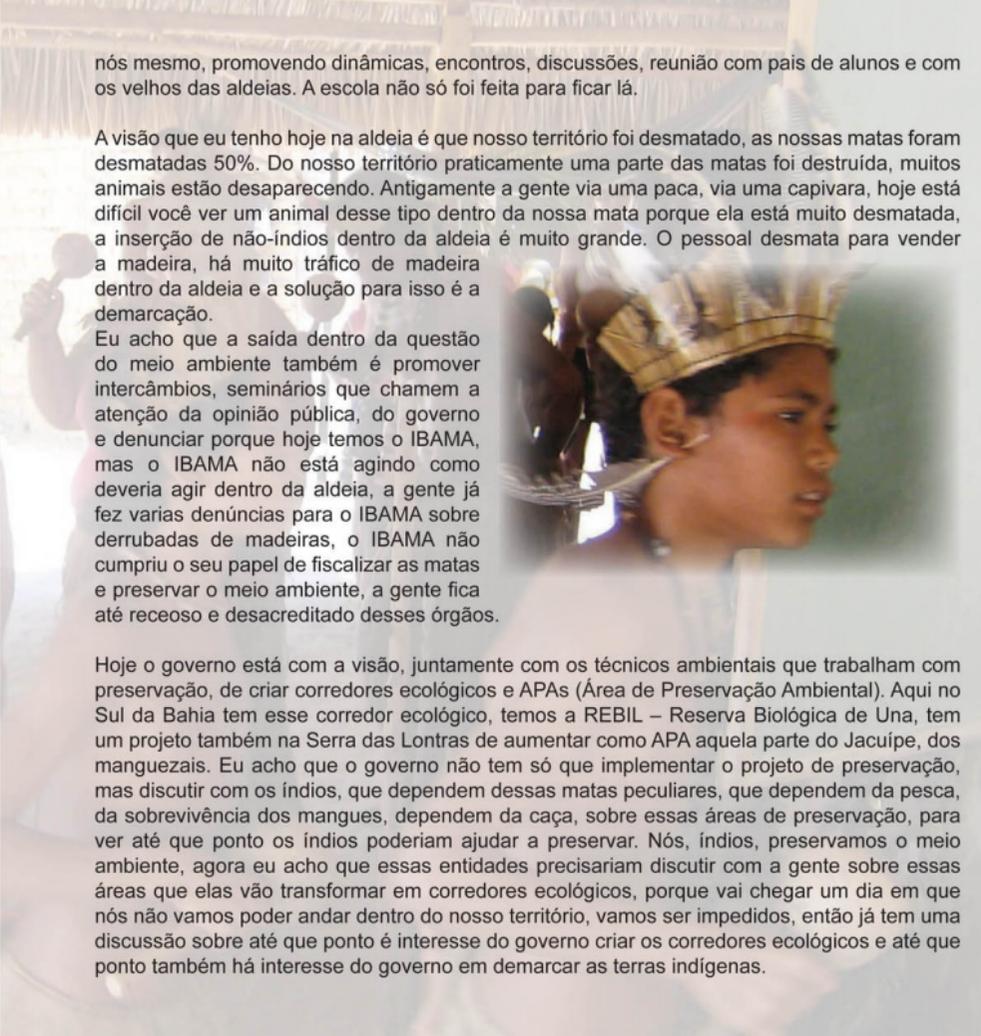
Os AIS (Agentes Indígenas de Saúde) são heróis, porque eles trabalham dentro de uma realidade muito difícil na aldeia, porque não têm meio de transporte, não tem posto de saúde, eles chegam a andar até 15 quilômetros para fazer uma ligação para que o carro possa vir dar atendimento. Há casos dos AIS descer com gestante, andar 12 quilômetros para pegar o ônibus e levar essa pessoa para ter o filho. Os AIS estão fazendo a parte dele, agora falta o governo dar capacitação, mais condição, meio de transporte, comunicação, não jogar mais função em cima deles sem eles terem estrutura para lidar com esta situação.



A young boy with dark hair and a white shirt is looking slightly to the right with a thoughtful expression. He is holding a coconut with purple markings on it. The background is bright and slightly blurred, suggesting an outdoor setting.

A educação, com todas as dificuldades que a gente tem interna e externamente, acho que foi um dos setores dentro da aldeia que avançou mais. Caminhou porque praticamente nesses cinco anos que agente esteve lutando o povo conseguiu avançar na condição de ter uma escola indígena, manter as crianças dentro da escola, estudando, então eu acho que foi um avanço muito grande. A gente tem hoje uma escola, mas nós estamos engatinhando, a gente ainda não sabe como administrar ela. A gente precisa se unir mais, se organizar mais para poder administrar essa escola para nossos filhos.

Eu já andei aí por um monte de lugar, eu digo que não foi o governo que construiu para a gente, foi a gente que lutou, brigou para que essa escola viesse para nos proporcionar uma educação melhor. Acho que é uma das melhores escolas em termos de infra-estrutura que tem no município de Ilhéus. Mas, não é só o governo botar, deixar a escola lá e falar: “Você tem que se virar aí”, mas ele dar condições, capacitar o professor, ampliar mais o quadro de funcionários com pessoas qualificadas ou qualificar os que já tem. Acho que também a direção da escola precisa promover mais dinâmicas entre os professores, promover intercâmbios culturais com outros professores de outros povos para que isso enriqueça, culturalmente enriquece, né? Aí os professores vão aprendendo mais nesses intercâmbios, nessas dinâmicas, porque se o povo ficar só parado e esperando também o governo, o governo não avança muito, né? A gente deve procurar um meio de tornar a nossa educação melhor entre

A person wearing a traditional indigenous headdress with feathers and a white garment is shown in profile. The background is bright and slightly blurred, suggesting an outdoor setting.

nós mesmo, promovendo dinâmicas, encontros, discussões, reunião com pais de alunos e com os velhos das aldeias. A escola não só foi feita para ficar lá.

A visão que eu tenho hoje na aldeia é que nosso território foi desmatado, as nossas matas foram desmatadas 50%. Do nosso território praticamente uma parte das matas foi destruída, muitos animais estão desaparecendo. Antigamente a gente via uma paca, via uma capivara, hoje está difícil você ver um animal desse tipo dentro da nossa mata porque ela está muito desmatada, a inserção de não-índios dentro da aldeia é muito grande. O pessoal desmata para vender a madeira, há muito tráfico de madeira dentro da aldeia e a solução para isso é a demarcação.

Eu acho que a saída dentro da questão do meio ambiente também é promover intercâmbios, seminários que chamem a atenção da opinião pública, do governo e denunciar porque hoje temos o IBAMA, mas o IBAMA não está agindo como deveria agir dentro da aldeia, a gente já fez várias denúncias para o IBAMA sobre derrubadas de madeiras, o IBAMA não cumpriu o seu papel de fiscalizar as matas e preservar o meio ambiente, a gente fica até receoso e desacreditado desses órgãos.

Hoje o governo está com a visão, juntamente com os técnicos ambientais que trabalham com preservação, de criar corredores ecológicos e APAs (Área de Preservação Ambiental). Aqui no Sul da Bahia tem esse corredor ecológico, temos a REBIL – Reserva Biológica de Una, tem um projeto também na Serra das Lontras de aumentar como APA aquela parte do Jacuípe, dos manguezais. Eu acho que o governo não tem só que implementar o projeto de preservação, mas discutir com os índios, que dependem dessas matas peculiares, que dependem da pesca, da sobrevivência dos mangues, dependem da caça, sobre essas áreas de preservação, para ver até que ponto os índios poderiam ajudar a preservar. Nós, índios, preservamos o meio ambiente, agora eu acho que essas entidades precisariam discutir com a gente sobre essas áreas que elas vão transformar em corredores ecológicos, porque vai chegar um dia em que nós não vamos poder andar dentro do nosso território, vamos ser impedidos, então já tem uma discussão sobre até que ponto é interesse do governo criar os corredores ecológicos e até que ponto também há interesse do governo em demarcar as terras indígenas.

Ate mesmo para ver quantos de nós iria acompanhar todo esse processo de trabalho, porque não adianta eles virem discutir e ficar entre eles lá trabalhando, a visão nossa de fazer um corredor de preservação da nossa mata é muito interessante para a gente, até pela situação atual que a gente vive hoje dentro de nosso território, com a destruição das matas. O governo estão deixando o nosso povo que sempre viveu região, que conhece de tudo, de lado para pesquisar com biólogos que estudaram em universidades, sem saber que os verdadeiros doutores do mato são os indígenas.

Eles têm que levar em conta que nessa região onde estão sendo propostos esses corredores ecológicos existe o povo Tupinambá que foi reconhecido, que tem uma proposição de demarcação de terra. Eles têm que fazer essa discussão com nós índios, com o povo Tupinambá, porque até o governo deve nos ajudar a preservar o que nós temos, porque nós vamos trabalhar para isso, para preservar, porque do jeito que está aí, tá muito difícil.

O povo Tupinambá foi muito feliz numa parte da sua história enquanto povo. Nós nunca saímos do nosso território, enquanto outros povos tiveram que sair e retornar para sua terra anos depois com a ajuda do governo, mas os Tupinambá, não. Ele sempre permaneceu em seu território, então eu acho que essa aí é uma grande força para a gente, para que o governo acelerasse mais essa demarcação. Hoje não era mais para a gente estar mais nesse processo de ler relatório. O governo atrasou muito o processo de demarcação das terras Tupinambá. O governo alega muitas coisas: Que ainda não fez a demarcação por falta de verba; Culpa órgãos internos; mas na verdade a gente vê que não é isso, mas que existe interesses muito grandes, de políticos, de fazendeiros ligados à esfera do governo que não acelera a demarcação da terra Tupinambá, porque se ele quisesse já tinha demarcado. Primeiramente, o meu sonho é o de todos nós, que é o de ter o nosso território demarcado, e que a gente possa administrar as riquezas que a gente ainda tem dentro de nossa terra, onde a gente possa se auto-sustentar sem depender de entidades de fora para que a gente possa se alimentar, acho que a gente tem uma diversidade natural muito grande, tem o mar, ainda temos um pouco das matas, tem o mangue, a questão do turismo que pode ser muito explorada na região Sul da Bahia, onde nós habitamos aqui em Olivença, e que a gente possa viver sem depender do governo, ter uma boa educação, uma boa saúde, ter nossa própria organização.

Eu sou Ivaldo Teixeira Magalhães, tenho 32 anos e trabalho com saúde indígena na área



## Sou índia sim!

Não tenho cabelo liso nem olhos puxados, mas tenho a fé e a coragem de meu povo. Luto pela melhoria de meu povo. Sou índia com muito orgulho e prazer.

Estudei pouco, aprendi a ler e escrever, e o mais importante, aprendi a sobreviver com meu povo. Com minha mãe aprendi a trabalhar e nunca roubar, aprendi a cuidar do lar e a amar.

Yracema Suçuarana  
Yandé Tupinambá

## A lei da Vida

Amotara

Fui na casa de comadre Lurdes. Chegando lá, cruzo com um compadre que me diz que a criança nasceu morta. Cheguei, a criança estava cobertinha num paninho. Eu não falei nada e me aproximei. Eu senti que a criança estava viva... Daí soprei o nariz, saiu aquela golfada pela boca... Limpei. Aí peguei a nariz e chupei e joguei para fora... E daí ela chorou. Não estava morta não, mas se Deus não me manda lá, ia morrer... Daí dei umas massagens na barriga da mãe e disse que banho só no dia seguinte porque já estava tarde. E disse: "Não foi milagre não, é a lei da vida!"

O primeiro parto que eu fiz, foi quando estava com 18 anos. Eu já tinha me casado, me casei com 16. Minha avó me levou para me ensinar, para no futuro poder substituir ela.

Aí ela ia me ensinando e eu fazendo. Tem parto difícil e tem parto fácil, natural. Quando vejo que é difícil, quando não está na posição certa mando procurar um carro, mas quando está direito, quando vem no lugar certo, eu faço, já fiz mais de 100 partos.

Eu vou com Deus na frente, eu não tenho medo. Às vezes me chamam de madrugada, eu não tenho preguiça. Eu vou e ajeito. Eu acompanhando, eu faço multimistura. Eu gosto de fazer parto. É uma alegria receber uma vida, só fico triste quando as mães maltratam.

# Eu sou índio

A saúde para os Tupinambá esta cada vez pior. Falta carro, falta medicamento e nós queremos um atendimento de qualidade porque nós temos nossos parentes dentro da aldeia que precisam de um tratamento mais adequado. Já teve caso aqui de uma gestante adoecer e devido a demora no atendimento a criança morrer. Isso é muito ruim para a gente dentro da aldeia. Nós ligamos para a FUNASA 4 horas da tarde e a FUNASA só foi chegar às 8 horas da noite e a criança já estava falecida. Assim como a criança morreu a mãe também poderia morrer, pois poderia dar uma hemorragia e aí iríamos perder mais uma índia dentro da aldeia.

Nós precisamos lutar pela saúde, queremos que o Governo Federal tome providencias nessa questão e também na questão do território, pois nós precisamos de nossa terra demarcada para sobreviver, ter nossos direitos respeitados e ter a nossa liberdade, pois o índio tem que ser livre, ser igualmente aos pássaros na mata, ter o direito de andar onde ele quiser, ter sua trilha liberada para ele passar. Nós queremos nossas terras para trabalhar, sobreviver e criar os nossos filhos, produzir nossos alimentos.

Nós queremos uma saúde de qualidade, transporte dentro de nossa aldeia, e uma nova equipe, pois uma equipe só não está dando para atender as 22 comunidades. Amanhã mesmo aqui na comunidade de Curupitanga vai ficar sem atendimento médico, pois só tem uma equipe e se tivesse duas ou três equipes resolvia o problema de todo mundo e muitos índios aqui vão ficar sem atendimento e ainda tem o problema da falta de medicamento. Já tem mais de mês que os índios que usam remédio controlado estão sem tomar, pois está em falta no Pólo. Eu vou à FUNASA direto atrás de medicamento e não encontro. Se é para marcar um exame e o exame é pago a FUNASA não tem recurso para pagar o exame, então muitas vezes os pacientes deixam de fazer o exame e às vezes eles até morrem.

Se a gente tiver o território demarcado, tudo melhora para a gente.



Hoje nós temos uma escola bonita, grande, maravilhosa na Comunidade de Sapucaeira, mas está precisando de organização, de professores dentro das salas de aula. Nós precisamos ter mais atenção com nossas escolas, mais alunos dentro das salas de aulas, ter um diretor com responsabilidade para trabalhar dentro do colégio indígena e não pessoas contra a gente. Nós queremos que as pessoas que trabalhem dentro da escola indígena nos respeitem, nos dê valor ao nosso trabalho e valorize a nossa cultura, que goste de trabalhar com índio e não aqueles que vêm trabalhar só a fim de ganhar o dinheiro e sem interesse de ensinar ao índio. É muito ruim termos uma pessoa para administrar um colégio que não goste de índio. Nós queremos um diretor em nossa escola que goste de trabalhar com índio e que goste de trabalhar pelo índio.

O professor indígena deveria ir para a sala de aula dentro da cultura, trajado, pintado, com seu cocar, com sua tanga e também ensinar aos seus alunos a irem assim para o colégio. Pode ser até só três alunos mas eles devem estar trajados. A escola indígena deve ensinar a cultura ao índio desde pequeno, não só a parte da educação normal. Na nossa escola deve ter a educação diferenciada. Nas escolas nós cantamos o *porancin*, fazemos nossa oração com o *porancin* e isso é muito importante para a gente.



Os índios não podem plantar a sua roça para sobreviver e dar comida aos seus filhos, pois o IBAMA dá logo em cima, agora quando é o branco que *molha a mão* deles eles deixam, seja para abrir areal, desmatar a mata, tirar madeira para vender e o IBAMA não proíbe e não vê nada e põe até a mão pela cabeça. Agora, vai a gente índio entrar numa mata e abrir uma roça para trabalhar e manter os filhos e ter o que comer e vender para sobreviver que o IBAMA vem logo em cima, castigando, dizendo que não pode, que tem que pagar multa, que tem que

fazer isso, que tem que fazer aquilo.

O IBAMA deveria trabalhar em parceria com o os povos indígenas, um dá apoio ao outro.

Hoje a gente vê nosso território todo furado, é produto químico, é veneno nos rios matando os peixes, os camarões, os caranguejos, matando tudo que é vivo dentro do rio e que é nossa sobrevivência. Se a gente for pescar e pegar um peixe dentro do rio e for comer faz até medo, pois eles usam muito veneno próximo dos rios e quando chove o veneno cai todo dentro do rio e tudo que está dentro do rio acaba morrendo. Nossa água de

beber mesmo não é mais como era antes, nós hoje bebemos água poluída e isso é muito difícil para a gente sobreviver.

Os órgãos competentes deveriam tomar as devidas providências, deveriam também estar olhando esta parte, pois eles ficam só sentados na cadeira deles olhando a cara do computador, eles deveriam também pensar em quem está lá dentro da mata, eles não têm que pensar somente em quem está na cidade não, pensar só nos parentes deles não, pois nós também somos cidadãos e também temos os nossos direitos. Se eles estão lá nos cargos eles têm que pensar, se tem uma comunidade indígena, tem uma aldeia, então vamos lá ver o que eles precisam para dar apoio a eles. Chegando lá senta com a gente e faz uma reunião e define



o que nós queremos: na questão de queimada, na questão de rios, na questão da saúde, na questão de nosso território principalmente.

Eu espero que a FUNAI tome as devidas providências, que tenha um administrador de confiança que corra atrás, porque a FUNAI deve prestar suas obrigações com as comunidades indígenas, pois o dever dela é cuidar das questões indígenas.

Nós devemos passar a nossa cultura para os nossos pequenos, pois eles vão crescer também naquilo, vão colocar na memória e vão se entender como índios, vendo os pais seguindo a cultura os filhos também vão acabar seguindo. para quando crescer dizer:

"Eu sou índio". Se alguém disser que ele não é índio, ele vai responder com orgulho que é índio. Saber cantar um **porancin**, saber fazer uma pintura, saber contar a sua história. Eu ensino meus filho assim.

Mucunã

Agente de saúde da comunidade





# CULTURA TUPINAMBÁ

A Cultura Tupinambá está relacionada ao modo de o povo agir, cultivar, plantar e dos acervos intelectuais e espirituais. Na aldeia, nós Tupinambá fazemos um ritual chamado PORANCIN, no qual cantamos e dançamos. Este ritual é oferecido a Tupã (Deus). Nós pintamos nosso corpo com tinta vegetal extraída do jenipapo, urucum e argilas de várias cores que além de hidratar a pele é bom para o sangue e combate anemias em crianças. Na aldeia, os jovens e os mais velhos se juntam para fazer mutirões, para fazer roças coletivas. Os homens roçam e limpam o terreno e as mulheres e crianças plantam.

Muitos que moram na aldeia e que não são Tupinambá dizem que aqui não tem índio por causa da miscigenação os que realmente são que índio não é só aquele todos aquele que tem povo que sofreu e sofre pelo racismo e pelo não respeitam a Nós Tupinambá de



e que é contado nos dedos índios, mas não sabem eles que tem características, mas origem e o sangue daquele até hoje pela discriminação, descaso dos governos que Constituição Federal.

O Olivença não temos nossa terra demarcada, por isso temos que conviver com pessoas que a todo tempo nos discriminam, mas eu tenho fé em Tupã que nós vamos conseguir a Terra que no passado foi tomada de nossos antepassados e é herança do povo Tupinambá de Olivença.

Jaguathey Yandê Tupinambá de Olivença

A saúde indígena só piora. Aumenta a população indígena desproporcionalmente, pois não há um controle de natalidade e a FUNASA não consegue acompanhar. A FUNASA tinha tudo para dar certo, se tivesse ouvido as lideranças, se tivesse ouvido o Conselho, as propostas, as orientações. A cada ano nossa saúde vai decaindo, não por ter maus profissionais, pois a equipe está até disposta, o problema é que a FUNASA não dá condições. Não temos um carro para atender às emergências, e quem mora em uma Comunidade tem sempre uma cobra que pica, uma perna que quebra, um corte de facão, uma mulher para ganhar neném, um enfarto, um AVC, enfim, tem vários problemas e a gente vê que a FUNASA está sem condições de assumir o compromisso que fez há 10 anos atrás quando iniciou suas atividades. A FUNASA hoje está desacreditada.

O fato de tudo ir para a central de marcação também dificultou bastante. Eu gostaria que fosse revista essa questão das cotas. A quantidade de consultas específicas que podem ser marcadas é pouca para a necessidade, pois a comunidade indígena é muito grande. A Prefeitura repassou poucas vagas para os índios, embora ela receba duas vezes pelo índio, pois os municípios que tem índios recebem recurso duas vezes, e infelizmente o nosso Município ainda não abriu os olhos para isso ainda – e eu espero que abra.

Os AIS (Agente Indígena de Saúde) são os próprios índios e as pessoas que mais trabalham, pois estão na base e muitas vezes fazem reuniões e não querem que os AIS participem, mas são eles que estão diretamente na Comunidade e conhecem a realidade, conhecem os problemas, conhecem as dificuldades, casa por casa, pessoa por pessoa. Os AIS fazem parte da equipe e sem eles as equipes não conseguem trabalhar. Deveria existir uma equipe familiar, que fosse casa por casa.

Muitas vezes a equipe chega na comunidade às 5 horas da manhã, passa o dia todo andando, sem carro nenhum e tem que voltar de carona ou esperar que o único carro venha buscar às 5 horas da tarde. Isso é uma vergonha. Vemos tanto dinheiro espalhado por aí, tanto dinheiro sendo desviado enquanto deveria ser aplicado na saúde.

O Hospital São José é uma vergonha e é quem recebe os recursos. Não estamos exigindo que se coloque o índio em um apartamento – a não ser que seja necessário – mas é para dar o atendimento básico, mínimo, que é você chegar e conseguir ser atendido, mas do jeito que tá a gente chega e não tem uma dipirona, se precisar de uma emergência tem que ir para o Regional. Tá sendo bem empregado esse recurso nesse Hospital? O que é que a gente pode estar fazendo para que este recurso seja empregado de forma positiva para a comunidade?



**Queremos Respeito**

Todos sabem que aqui é Terra Indígena. Muitas vezes os fazendeiros fazem desmatamento para colocar a culpa nos índios. Aqui em nossa região tem muitos que tiram madeira, tiram carvão e o IBAMA nada. E porque isso acontece? Porque é não-índio. Se o índio tira uma vara para fazer uma vassoura ou um galinheiro para as galinhas não comer a sua horta, a horta que eles usam para se alimentar meio dia com seus filhos ele é processado, no entanto os grandes madeiros estão ai. Os grandes madeiros não estão pensando no meio ambiente, não pensam no amanhã e nem nos seus filhos e netos. Nós indígenas entendemos a necessidade de preservação, sabemos onde podemos retirar madeira para fazer a nossas casas. Eu não tenho medo do IBAMA porque quando pegamos uma madeira é para nossa sobrevivência, enquanto os ilegais pensam só no dinheiro.

Infelizmente muitos não-índios não têm este cuidado com a natureza, e por isso o meio ambiente está nessa situação. Por exemplo, num areal, assumem o compromisso de pegarem a areia e depois plantar árvores depois, mas não fazem e fica do jeito que tá ai. Nós nos preocupamos, denunciamos, falamos, mas somos mal ouvidos. O grito do índio não é ouvido, mas as consequências estão vindo e todo mundo vai sentir na pele.

**Os grandes fazendeiros têm consciência de que, por exemplo, a adubação hoje tem ser orgânica. Eles sabem, mas não vivem, não sentem. Conscientizar não basta, é preciso uma punição mais severa. Mas não em forma de multa, pois ela vai para o governo e não retorna para a Comunidade. A multa não resolve o problema das pessoas que sofrem com os produtos químicos jogados na terra. Em Sapucaeira já perdemos parte do rio, que hoje já não tem mais peixe, isso por causa dos fertilizantes, adubos e agrotóxicos colocados contra os insetos, e nós índios sabemos que os insetos são importantes. Acho que as leis deveriam ser mais eficazes, ter mais fiscalização e que houvesse algum tipo de reparação para o dano causado, um retorno para a Comunidade afetada, pois muitas vezes a coisa fica por isso mesmo.**

O rio deixa de ter peixe e por isso fica, a crianças adoecem e por isso fica. Do jeito

que está indo, daqui uns dias a gente não planta mais nada, não colhe mais nada. Eu acho que deveria ter uma conscientização de alma, uma lavagem de alma, porque eles sabem que estão destruindo a natureza, mas não sentem e não vivem a natureza como nós índios, só pensam no lucro. A educação indígena é uma educação diferenciada porque ela tem uma linha. Infelizmente muitas pessoas que estão próximas da educação indígena não têm noção do que é isso, não têm a noção dessa diferença. A diferença da educação indígena é a coisa mais linda que pode existir. É cultura, é vida. Eu amo a educação indígena justamente por isso. Ela é diferente por que valoriza a cultura, coloca a cultura em primeiro lugar, é isso que a faz diferenciada, é isso que é bonito e se isso deixar de existir acabou a educação diferenciada. É você ser respeitado como você é. É você ser valorizado onde você está. É você poder ser um guerreiro Tupinambá e ser um universitário, é ser um guerreiro Tupinambá e ser um profissional de alta categoria, um delegado, um advogado, um médico, um juiz, ser um professor, enfim, ser até o Presidente da República e ser respeitado com a sua cultura, com sua maneira de se alimentar, com sua maneira de se vestir, com a sua pintura. O diferencial é ser respeitado dentro da minha escola. É não precisar sentir o preconceito que muitos sentiram ao estudar na cidade. É ser valorizado como se é.

Nós temos uma cultura diferenciada e vamos morrer lutando por ela.

**Mboessara  
Professora indígena e  
Técnica em Enfermagem**



## **VI Peregrinação em Memória dos Mártires do Massacre no Rio Cururupe**

Domingo, 24 de setembro de 2006. Saindo de Olivença, o povo Tupinambá e seus aliados marcham até o rio Cururupe, importante marco histórico por duas vezes:

1558 – “O Massacre dos Nadadores”, sete quilômetros de corpos de índios mortos enfileirados na beira da praia, o mar vermelho de sangue.

1922 a 1937 – “A Revolta do Caboclo Marcelino”, índio Tupinambá que liderou o movimento indígena contra a construção de uma ponte sobre o rio que daria facilidade para o “progresso” ainda roubar mais terras indígenas.

Na foto (da esquerda para a direita): Akanawan Pataxó Hã-hã-hãe(Cacique), Jamopoty Tupinambá (Cacique), Atiã Pankararu (Líder), Yaranawy Pataxó Hã-hã-hãe (Líder), Babao Tupinambá (Cacique), Alicia Tupinambá (Cacique), Nailton Pataxó Hã-hã-hãe (Cacique) e Cláudio Tupinambá (Líder).

# Tupinambá na era Digital

Não desejamos mais nossas vozes caladas

Nós Tupinambá herdamos dos nossos antepassados a prática da agricultura, o cultivo dos tubérculos (raízes), leguminosas e outros, e a caça de animais silvestres, mamíferos, aves e peixes, mas só caçando o necessário para a nossa sobrevivência, sem causar danos à natureza. Somos filhos de Tupã e os ensinamentos passados por Ele estabelecem uma harmonia entre o homem (corpo e alma) e a Mãe Natureza. Das plantas, retiramos o remédio para combater nossos males. Cuidamos dos rios e lagos. Respeitamos a natureza, dela tiramos o nosso sustento de forma que não falte para as futuras gerações. Antes nunca na nossa história houve registro de morte por desnutrição, hoje sim, se forem nas aldeias que já tiveram contato com os não-índios, principalmente nós Tupinambá de Olivença, perceberiam claramente este quadro terrível – a fome.

O fato de os direitos do cidadão estarem escritos na Constituição não garante que eles sejam respeitados, e não garante também que o cidadão cumpra com os seus deveres. Inúmeras pessoas estão sem casas, sem emprego, sem comida, sem saúde, sem educação, sem rosto e sem voz. 505 anos se passaram e ainda continua o processo de dizimação. Vários apelos vêm sendo feitos ao longo de décadas para que toda a nação brasileira volte seus olhos para as ameaças que pesam sobre nós.

1 – O Estado: Gera conflitos; Corrompe; Fragmenta nosso Povo; Desenvolve políticas de assistencialismo; Expede Decretos favorecendo latifundiários e não cumpre as leis estabelecidas pela Constituição.  
2 – Mídia: Massifica-nos; Padroniza-nos desconsiderando os valores e identidades regionais; Funciona como uma delegacia a serviço do Poder Político, Religioso, ou Mercantilista contra nós e reforça a visão distorcida que tem marginalizado e provocado uma imagem falsa dos valores e capacidade do nosso Povo. Toda a Nação Brasileira deve estar comprometida com o nosso destino e com o nosso direito a uma existência digna e autônoma. Hoje nossas maiores lutas são pela demarcação das Terras Indígenas e pela aprovação do Estatuto dos Povos Indígenas.

Não queremos ser grandes. Não queremos ser pequenos. Queremos nossos direitos garantidos!

Quero agradecer a THYDEWAS que com projetos como: ÍNDIO QUER RESPEITO, ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS e ÍNDIOS ONLINE, vem nos apoiando para contar para o mundo o que verdadeiramente nos aconteceu e também como vivemos hoje. Com livros, com Internet e corpo a corpo, cada dia nos relacionamos melhor com o mundo globalizado e ao mesmo tempo fortalecemos nossa cultura. Temos contato direto com muitas culturas, sem imposições. Nós temos autonomia e sabemos respeitar as opiniões dos outros. E, como qualquer ser humano, evoluímos.

Yakuy



Yakuy <[yakuy@indiosonline.org.br](mailto:yakuy@indiosonline.org.br)>

Em agosto 2002, THYDEWAS chegava junto às comunidades TUPINAMBÁ para facilitar o processo dos próprios indígenas fazerem seu livro no marco do projeto-coleção ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS.

Os índios usando a tecnologia para atuarem como seus próprios antropólogos, historiadores, jornalistas e fotógrafos... 3.000 exemplares desse livro foram lançados em abril de 2003 e poucos meses depois a edição já estava esgotada.

Desde esse êxito que os TUPINAMBÁ projetam fazer um segundo livro... Desde abril de 2004, eles publicam suas matérias na REDE ÍNDIOS ON-LINE



[www.indiosonline.org.br](http://www.indiosonline.org.br) e estão sempre atualizando suas informações para o mundo.

A vontade de lançar um segundo livro foi tamanha que aqui está: "NÓS TUPINAMBÁ" - auto-retrato 2008.

A ONG THYDEWAS é composta por indígenas de várias nações e por não-indígenas que juntos trabalham por um mundo mais humano, sabendo que a riqueza deste reside na sua diversidade em diálogo.

Agradecemos também a:



[WWW.INDIOSONLINE.ORG.BR](http://WWW.INDIOSONLINE.ORG.BR)



A finalidade deste livro é apelar para a sensibilidade de todos; despertar o espírito de fraternidade, justiça e cooperativismo.

Em caráter emergencial, nós Povos Indígenas do Brasil necessitamos de uma aliança com toda sociedade brasileira.

Só existe uma raça – a raça humana – nossas diferenças são culturais, e justamente é nessa diversidade que reside a riqueza da Humanidade. Podemos todos juntos contribuir para uma vida digna para todos.

*Yakuy*



Apoio



Realização:



Patrocínio:



Ministério da Cultura

